

A LINGUAGEM COMO PROPOSTA DE REPENSAR O LUGAR DO ÉTICO A PARTIR DO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN: 1914-1929*

Ana Claudia Archanjo Veloso Rocha**

Resumo

O presente artigo tem por objetivo investigar como a ética deve ser compreendida a partir da impossibilidade da linguagem em exprimi-la. O filósofo que fundamenta nosso pensamento é o contemporâneo Ludwig Wittgenstein. Para tanto, trilharemos de maneira breve o âmbito da linguagem a fim de encontrarmos seus limites e a partir destes tentaremos perceber o direcionamento à esfera do místico. Estaremos diante dos limites entre o dizível e o inefável. O indizível ou aquilo que se mostra por ser transcendental não tem a possibilidade de se tornar proposições. Assim, a saída para manifestar o indizível somente pode ser o silêncio. A proposta do silêncio nos abre a perspectiva de repensar o lugar do ético no pensamento de Wittgenstein. Para embasar nossa perspectiva trabalharemos com o *Tractatus Logico-Philosophicus* enquanto principal referência. Além deste, contemplaremos os demais escritos do filósofo que datam do período entre 1914-1929.

Palavras-Chave: Ética; Linguagem; Silêncio; Wittgenstein.

Abstract

This paper aims to investigate how ethics should be understood from the inability of language to express it. The philosopher that underlies our thinking is the contemporary Ludwig Wittgenstein. For both, will tread briefly the scope of the language in order to find your limits and from these try to realize the direction the sphere of the mystical. Are faced with the limits of the speakable and the unspeakable. The

* Artigo enviado em 13/10/2014 e aceito para publicação em 04/11/2014.

** Mestre em Filosofia (FAJE). Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: ac_archanjo@uol.com.br

unspoken or what is shown to be transcendental does not have the possibility of becoming propositions . Thus, the output to express the unspeakable can only be silence . The proposal of silence opens the prospect to rethink the place of ethics in Wittgenstein's thought . To support our approach we will work with the *Tractatus Logico-Philosophicus* and the *Lecture on Ethics* . These are the writings of Wittgenstein dating from 1921 to 1929.

Key-Words: Ethics ; Language; Silence; Wittgenstein .

1- Introdução

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein é considerado um dos maiores pensadores do século XX. A complexidade de seu pensamento está associada, sobretudo, às discussões abordadas pelo filósofo que vão desde os assuntos da filosofia analítica aos temas relacionados ao místico. A princípio, esta relação parece-nos incompatível, porém a leitura atenta e minuciosa de seus escritos nos aproxima da totalidade do seu constructo filosófico. Destarte, faz-se necessário o entendimento analítico para a compreensão da esfera mística.

O desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein parte de uma questão tipicamente analítica, a saber, “qual é o limite da linguagem?”. Wittgenstein busca a resposta para tal questionamento, a partir da observação acerca das possibilidades da linguagem. Tais possibilidades, segundo Danilo Marcondes, correspondem ao “teste empírico, adotado como critério de validade das teorias científicas” (MARCONDES, 2004, P.12).

No dia 22 de janeiro de 1915 – período em que o *Tractatus* estava em fase de elaboração – Wittgenstein deixou registrado nos Notebooks 1914-1916 o objetivo de sua escrita: “Toda a minha tarefa consiste em esclarecer a essência da proposição. Quer dizer, indicar a natureza de todos os fatos cuja imagem é a proposição. Indicar a natureza de todo o ser” (WITTGENSTEIN, 1998, p.60). Esta declaração nos revela o claro indício de uma busca analítica, quando

o filósofo fala acerca de fatos e proposição, todavia, revela um ângulo de possíveis respostas que se aproximam do transcendental quando fala da essência e da natureza de todo o ser.

O que está em observação, conforme já mencionamos, são os limites da linguagem. Sendo assim, observamos que a filosofia pensada e desenvolvida acerca de tais limites relaciona-se com a linguagem científica! Isto porque o processo científico necessita da formulação de conceitos. Para isto, a linguagem utilizada precisa ser fundamentada de maneira lógica e em bases empíricas, a fim de que possa ser verificada. Nesse sentido, elementos metafísicos fogem à circunscrição científica, conforme veremos adiante.

A complexa resposta do filósofo relacionada aos limites da linguagem estabelece a fronteira entre aquilo que é possível dizer e, por conseguinte pensar, e aquilo que se mostra.

Não há a menor possibilidade de pensar fora do esquadro da estrutura lógica. Nos *Notebooks 1914-1915*, Wittgenstein expressa, no dia 12.09.1916: “torna-se agora claro porque pensei eu que pensar e falar eram o mesmo. O pensar é uma espécie da linguagem. O pensamento é, decerto, *também*¹ uma imagem lógica da proposição e, assim, é igualmente uma espécie da proposição” (WITTGENSTEIN, 1998, p.122). Todavia, após refletir melhor sobre a questão, Wittgenstein afirma no *Tractatus* que “o pensamento é a proposição com sentido” (WITTGENSTEIN, 2008, p.165). Com efeito, o pensamento a que Wittgenstein se refere é aquilo que se expressa pela linguagem. Conforme mencionado, o pensamento é a proposição dotada de sentido, ele é conectado através da forma lógica ao fato do mundo que está descrevendo. A estrutura lógica, conforme veremos, se mostra na proposição.

Ao alcançar a compreensão de que o que se mostra não é dizível, Wittgenstein vislumbra a esfera do místico. É nesse ponto que o degrau analítico é superado e faz-se necessário a chave da

¹ Grifo do autor.

perspectiva mística para a assimilação e compreensão entre aquilo que é possível ser dito e aquilo que se mostra. Sendo assim, as vertentes mística e analítica não são excludentes, mas complementares para a total apreensão do pensamento de Wittgenstein.

Isto ocorre devido ao caráter transcendental alcançado pelo filósofo em ambas as esferas do seu pensamento: ética e lógica. Embora Wittgenstein tenha como ponto de partida a linguagem que é um fenômeno empírico, ele fundamenta as possibilidades e limites desta, a partir da esfera transcendental.

2- Alguns elementos acerca da linguagem

Os limites da linguagem é um dos grandes eixos norteadores para o pensamento de Wittgenstein. O filósofo tenta responder, especialmente em sua primeira fase, o que é que se pode dizer, haja vista que sua preocupação com a linguagem está associada sobremaneira com uma linguagem científica. O que é científico tem como proposta a demonstração empírica, assim tem a possibilidade de ser definido ou conceituado.

É necessário destacar que para a respectiva possibilidade é preciso que haja um fato. Os fatos são os elementos que constituem o sentido da proposição. De acordo com Wittgenstein, a proposição é o meio pelo qual se faz expressar a linguagem e assim se concretiza no mundo. Sobre o fato, Glock nos diz que:

Um fato é a existência de um estado de coisas; um estado de coisas ($S_1...S_n$) é uma combinação (concatenação, arranjo) possível de objetos correspondente a uma proposição elementar; uma situação é um arranjo possível correspondente a uma proposição molecular. (GLOCK, 1998, 159).

A explicação de Glock nos aproxima do aforismo tractatiano "1.1 O mundo é a totalidade dos fatos" (WITTGENSTEIN: 2008, 135). Quando Wittgenstein se refere à essência do mundo, ele se refere às

condições de possibilidade dos fatos que estão no mundo. Assim, lemos no aforismo tractatiano 5.4711 que: "Especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo" (WITTGENSTEIN, 2008, p.225). Isto significa que a essência da proposição equivale à essência do mundo, já que os fatos – componentes de toda a realidade – são descritos por proposições.

A relação estabelecida entre os fatos e a proposição é inquestionável. Vejamos que a proposição, de acordo com Wittgenstein, é o meio pelo qual se faz expressar a linguagem. É o mecanismo que a linguagem tem para se concretizar no mundo. Com base nisso, analisemos os seguintes aforismos do *Tractatus*: "3.142 Só fatos podem exprimir um sentido, uma classe de nomes não pode" (WITTGENSTEIN:2008, p.149). "3.3 Só a proposição tem sentido; é só no contexto da proposição que um nome tem significado" (WITTGENSTEIN:2008, p.153). Eis a questão: qual é o âmbito do dizer? Só há possibilidade de falar sobre fatos e a linguagem é o instrumento adequado para expressar o que compõe o mundo. Sendo assim, só pode haver proposições dotadas de sentido quando se trata dos fatos que estão e compõem o mundo.

Ressaltamos que para a constituição de proposições sob a ótica de Wittgenstein, não é possível a associação com a metafísica. Vejamos que no aforismo tractatiano 6.53 (WITTGENSTEIN, 2008, p.281) o filósofo faz a seguinte afirmação: "(...) e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições". A questão problemática em relação à metafísica é a falta de conteúdo descritivo pertinente aos termos. O objeto metafísico não está no mundo e por isso falta-lhe o respectivo conteúdo. Para endossar nosso pensamento, vejamos a colocação de Hacker no que tange tal problema:

A análise lógica mostra que os proferimentos metafísicos são carentes de significado – eles são pseudo enunciados. Pseudo-enunciados são sequencias de palavras que parecem expressar um enunciado mas na verdade não fazem isso, seja porque elas contem uma palavra que parece significativa mas não é, ou porque, apesar de elas constituírem uma sequencia de palavras significativas, elas são mal-formadas, isto é, elas não estão de acordo com a sintaxe da linguagem. (HACKER, 2000, p.9)

Compreendemos assim que somente as proposições naturais ou do mundo são as que têm sentido e as que apresentam possibilidade de significância através de seus sinais. Em contraposição a perspectiva do “dizível”, Wittgenstein apresenta a esfera mística. Esta é composta pela ética, estética e religião. O místico é a esfera do transcendental, daquilo que há de mais importante. Sendo assim, os elementos pertencentes ao místico não são da ordem dos fatos, mas sim do absoluto. Neste caso, são indizíveis e segundo nosso filósofo, eles se mostram.

Há um aspecto que é preciso levar em consideração, que Wittgenstein nos transmite a ideia “daquilo que se mostra”. O que podemos entender mediante este pensamento do filósofo? Que o mostrável independe da vontade do indivíduo, não é do seu domínio.

3- Alguns elementos acerca da ética

A ética pensada por Wittgenstein, não possui um enfoque clássico ou tradicional. A ética para o filósofo está situada fora do mundo, sendo assim, não é um fato com possibilidades de descrição e, por conseguinte, a ética é indizível. Nessa perspectiva a compreensão ética de Wittgenstein mostra-se.

Eis a questão: por que a ética não pode estar no mundo dos fatos? A ética traz em sua essência o significado da vida. Pensemos então da seguinte maneira: “seria possível encontrar o sentido da vida dentro do ordinário? Seria o sentido da vida dado por fatos, que segundo nosso filósofo são sem importância? Evidente que não. O

sentido da vida não pode estar no mundo, por não ser um fato. Nesse caso, deixe de ser um problema. O filósofo nos diz no aforismo tractatiano 6.521 que o problema desaparece quando compreendemos que este não é fato, portanto não pode configurar um problema, haja vista que problemas estão relacionados a fatos.

Segundo Arregui:

Todo saber en torno al sujeto ha de ser superado, porque alcanza sólo al sujeto empírico, pero no al transcendental, y en consecuencia, no cabe un cuestionamiento teórico del significado de la vida. Por eso, los problemas que parecen más profundos no son, en realidad, problemas. La cuestión del sentido de la vida, no es una cuestión teórica, sino práctica. (ARREGUI, 1984, p.102)

Seguindo o direcionamento desta perspectiva compreendemos que não há possibilidade de conceituar o pseudo problema da vida e seu sentido, assim como a ética. Não há como buscar o sentido da vida nos fatos do mundo. Para o filósofo, tal sentido é associado ao que há de mais importante: Deus. Vejamos a elucidação do filósofo nas anotações dos "Notebooks" em 11 de junho de 1916 que: "Ao sentido da vida, isto é, ao sentido do mundo, podemos chamar Deus. E a metáfora de Deus como pai está a isso ligada". A busca pelo sentido da vida é a própria questão ética e este sentido é certamente absoluto já que o sentido da vida é associado a Deus. A ética e suas respectivas relações se mostram por serem transcendentais, assim não cabe ao sujeito querer encontrar algo que está fora do seu alcance.

Sobre isto, observemos o aforismo tractatiano 6.421 "É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental (Ética e estética são uma só)" (WITTGENSTEIN: 2008,277). Se a ética não se deixa exprimir, significa que não pode ser expressa por meio de proposições, haja vista que no aforismo tractatiano 6.42, Wittgenstein nos informa que a proposição não tem a capacidade de

expressar nada de essencial. Em outras palavras, a linguagem não é o instrumento adequado para expressar o transcendental.

Alcançamos assim o problema das teorias éticas. É perceptível a quantidade significativa de teorias a respeito da ética. Com tantas teorias, ainda não partilhamos de uma única que pudesse ser aplicável em sua total universalidade. Eis a questão: "Por que não conseguimos a aplicabilidade das propostas éticas num mundo tão repleto de conhecimento intelectual e onde o acesso às teorias são de fácil alcance, especialmente no ciberespaço?". Talvez pudéssemos pensar numa resposta de Wittgenstein, a partir do aforismo tractatiano 6.422:

O primeiro pensamento para estabelecer uma lei ética da forma "tu deves . ." consiste em: E o que se daria se eu não fizesse isso? No entanto, é claro que a ética nada tem a ver com castigo e recompensa no sentido comum. Essa questão a respeito das *conseqüências* de uma ação deve ser insignificante. — No mínimo essas conseqüências não serão acontecimentos. Algo, porém, deve estar correto na colocação da questão. Por certo deve existir uma espécie de recompensa ética e de castigo ético que devem, todavia, estar na própria ação.

(Mas também é claro que a recompensa deve ter algo agradável, o castigo, algo desagradável.)

A primeira parte do aforismo é bem elucidativa: "Tu deves"...mas e se eu não fizer? Esta seria uma opção para uma espécie de imposição associada a conseqüências como castigo ou recompensa. Isto significa que a adesão ou não à este impositivo é uma escolha do sujeito que teme ou não pelas conseqüências de suas ações, mas que não está introjetada em si mesmo. A ação ética deve ser praticada por incentivo de foro íntimo, motivada de dentro para fora e não uma imposição de fora para dentro. A recompensa ética deve estar associada ao exercício da própria ação ética em si e não uma recompensa por ter praticado uma ação denominada ética. Isto, segundo as diretrizes do nosso filósofo, não funciona.

Questionamos aqui o problema da linguagem que conceitua e define teorias éticas. Percebemos que estas são fundamentadas a partir dos elementos ordinários do mundo. Nesse sentido, a linguagem, instrumento que dá forma às respectivas teorias não tem a força e nem a capacidade para transferir do mundo ordinário elementos para fundamentar o que é de caráter transcendental. Assim sendo, a fundamentação ética não pode ser factual. Os fatos são contingentes e as conclusões advindas destes não tem possibilidade de serem absolutas.

Faz-se necessário destacar que a ética sendo transcendental não possui conteúdo descritivo e nem uma forma adequada à linguagem. Percebemos assim a impossibilidade das proposições éticas colocadas pelo filósofo com menos obscuridade na Conferência sobre Ética. Neste escrito, Wittgenstein reconhece que, ao procurar pela forma lógica correta das expressões éticas e religiosas, de repente percebe, num átimo, em silêncio, que não existe forma lógica adequada para as mesmas e que isso constitui uma deficiência essencial da linguagem. Não se pode pretender que um instrumento natural como ela expresse uma essência sobrenatural. Com efeito, uma das propostas de Wittgenstein, ao proferir a *Conferência sobre Ética*, é ressaltar os maus usos das expressões consideradas éticas ou religiosas, que pretendem “*ir além do mundo*, o que é o mesmo que ir além da linguagem significativa” (WITTGENSTEIN, 2005, 224). Isto implica em ir além do discurso científico, tendo em vista que ética e religião não se encaixam neste tipo de discurso, porque seus objetos de estudo não são fatos.

4- A linguagem como proposta de repensar o ético

A partir das considerações filosóficas do autor acerca dos limites da linguagem e da compreensão não tradicional da ética, somos motivados a pensar de que forma podemos expressar um

tema tão relevante para a existência humana. Neste contexto, a nossa proposta intenciona buscar um direcionamento a partir do pensar filosófico do jovem Wittgenstein.

A fim de buscarmos tal orientação, lembramos que proposições éticas não são possíveis, haja vista a natureza da mesma. Nesse caso, qual seria a expressão mais adequada para o ético? Antes de buscarmos esta resposta, lembramos a questão da necessidade de uma experiência mística. Esta vivência é uma experiência pessoal, subjetiva e intrasferível. Como se fosse um súbito instante no qual a esfera mística se mostra. Não há receita ou regras para se alcançar a experiência mística. Ela simplesmente acontece. É a experiência mística que permite vislumbrar aquilo que se mostra eticamente.

O mostrar ético está relacionado à compreensão da sua indizibilidade, revelando-se problemática a sua relação com os fatos. Assim sendo, está ligada à contemplação silenciosa e, neste sentido, à experiência beatífica da contemplação. Mas o que vem a ser essa proposta de uma ética silenciosa? Segundo Pears:

O propósito de Wittgenstein não era simplesmente o de formular instruções capazes de evitar que as pessoas tentassem dizer o que não pode ser dito através da linguagem, mas também alcançar compreensão da estrutura daquilo que pode ser dito. A natureza da linguagem determina tanto o que se pode quanto o que não se pode fazer com ela". (PEARS, 1973, p.14)

A estrutura do que pode ser dito e a natureza representam a possibilidade de construir uma definição ou não. Quando a natureza é transcendental, como é o caso da ética, revela-se a impossibilidade de dizer. A linguagem não é o instrumento adequado para expressar o ético. O sentido ético se mostra àquele indivíduo agraciado por uma experiência mística.

A princípio padece da vontade de tentar descrever o que se mostrou. O problema é que não consegue colocar uma experiência de cunho transcendental em palavras. São propostas contraditórias.

Nessa tentativa angustiante, o sujeito corre o risco de perder o momento sublime daquilo que captou do místico, haja vista que a linguagem não é o instrumento adequado para expressar o que é da esfera pertinente ao absoluto.

Nesse ponto, enfrentamos uma indagação: qual é a forma adequada para expressar aquilo que se mostra eticamente, já que proposições éticas são impossíveis? Antes de buscarmos a resposta pensada por Wittgenstein, ressaltamos que estamos tratando de uma linguagem científica que visa expressar seus fatos cientificamente. Necessitando de provas para justificar a conceituação e definição do mesmo. No caso da ética, não possuímos esta possibilidade de provas e, portanto definir a ética torna-se inexecutável. No entanto, a linguagem científica não é a única manifestação da linguagem. A linguagem possui a função poética:

Tematiza o que está no próprio cerne do ato de comunicação: o ato poético de comunicação arranja e rearranja o meio linguístico em múltiplos modos, criando, incansavelmente, novas produções linguísticas a partir do código e reorganizando o código por meio dessas produções. (MEDINA, 2007, p.18)

Através da possibilidade de reorganizar as produções linguísticas, de buscar expressar sem a necessidade da prova empírica porque assim a função poética permite, é que buscamos compreender o “significado da vida” pensado por Wittgenstein. Segundo Janik e Toulmin:

A linguagem pode apresentar a experiência, mas também pode impregnar a experiência de significado. A primeira é possível porque as proposições que representam fatos são modelos com uma estrutura lógica. A segunda é poesia. O som que a notação musical, o disco e a ideia musical representam, através de sua forma comum, também comunica um determinado sentimento. Assim a proposição pode representar fatos por meio de proposições ou, alternativamente, transmitir emoções em poemas. O objetivo do Tractatus é distinguir as duas e desse modo

A proposta do *Tractatus* endossada na *Conferência sobre Ética* é retirar a ética do discurso racional. Neste caso, a única saída é somente através do silêncio. O silêncio é a única saída, revelando-se como uma espécie de saída contemplativa.

O silêncio proposto por Wittgenstein deve-se ao fato de que a parte crucial de sua filosofia está na mostra do transcendental, que não pode ser colocada em palavras. O que pode ser dito pertence ao âmbito das proposições da ciência natural, que descrevem fatos. Assim, sempre que alguém tentar dizer algo pertencente à esfera transcendental, ou seja, algo de caráter metafísico, será preciso mostrar-lhe que está tentando falar sobre algo que não pertence ao mundo e que essa tarefa é impossível. A tentativa de falar sobre a esfera transcendental sempre envolve um desrespeito à lógica da linguagem, que pode ser caracterizado pelo uso de um signo sem o correspondente significado. Isso faz com que o método correto em filosofia seja justamente mostrar que certa proposição metafísica não passa de contrassenso, porque deixou de atribuir significado a algum de seus elementos constitutivos.

A única saída é reter-se em silêncio, permanecendo em profunda imersão no que foi contemplado. Com efeito, o silêncio constitui o resultado de várias tentativas de colocar o místico em proposições. Daí após o reconhecimento da incapacidade de dizer o que não pode ser dito, entendemos o 7º aforismo do *Tractatus*: "Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar"(WITTGENSTEIN,2008, p. 281). Sob essa ótica, o filósofo compreenderá a ética através de uma perspectiva que poderíamos denominar *sagrada*. Expressar o sagrado, devido a sua natureza é inexecutável.

Faz-se necessário ressaltar que o alcance do silêncio beatificador não é sinônimo de quietude ou ausência de ações éticas.

O indivíduo que alcança esse patamar dificilmente vai continuar agindo por meras convenções. A força da experiência mística, em grande parte das vezes mostra-se motivadora e transformadora.

O que compreender por ação ética na perspectiva de Wittgenstein tendo em vista a leitura do *Tractatus* e da Conferência sobre Ética? Observemos a colocação de Arregui:

La acción moral, que en Wittgenstein se identifica con la voluntad, pertenece, pues, de lleno, al ámbito de lo místico. La acción no pertenece al mundo de los hechos. El sujeto transcendental, si alcanza la vida feliz, se ha de replegar sobre sí mismo, renunciando a modificar los hechos del mundo. La acción es, por decirlo así, puramente inmanente al sujeto transcendental; sólo puede modificar al sujeto, y en cuanto que éste es el límite del mundo, al mundo como totalidad, La acción identificada con la voluntad constituye el núcleo mismo de lo místico. (ARREGUI,1984, p.106)

A ação moral está relacionada a ética e a vontade. A respectiva ação é a vontade em si, a saber, enquanto portadora do ético. Haja vista que "o ato de vontade não é a causa da ação, mas a própria ação. Não se pode querer sem agir. Se a vontade deve no mundo ter um objeto, então este pode também ser a ação intentada". (WITTGENSTEIN,1998, p.129). A ação ética pertence à esfera do ético e, portanto, do transcendental.

5- Considerações Finais

Para concluir, gostaríamos de clarificar que mais importante do que fundar uma teoria ética é o agir ético. Esta ação é diferenciada, é uma espécie de força motivadora, capaz de idealizar e projetar aquilo que a vontade ética apreendeu em contato com o absoluto. É a compreensão do sujeito que não mudará os fatos por força do seu desejo ou por julgar sua percepção melhor que as demais e por isso deva prevalecer. Mas uma motivação interior de que eu posso perceber o mundo de outra maneira, com seus fatos e relações

imperfeitos e ainda assim aceitá-lo. Executar a proposta de viver da melhor maneira possível.

As limitações da linguagem nos levam a uma reflexão acerca do ético e vontade de uma autêntica postura ética. O filósofo Wittgenstein nos conduziu em nossa reflexão e nos mostrou que esta é uma saída possível. Viver eticamente sem basear-se em teorias, mas a partir do contato com o absoluto, talvez seja uma das maneiras mais eficientes de perceber o verdadeiro sentido da vida, afinal, como diz o filósofo no dia 24 de julho de 1916, nas anotações dos Notebooks: "*A ética não trata do mundo. A ética deve ser uma condição do mundo*" (WITTGENSTEIN, 1998, p.14). Condição, este é o termo adequado. É assim que a ética deve ser compreendida, como a base que fundamenta o mundo.

6- Referências Bibliográficas

ARREGUI, Jorge Vicente. *Acción y sentido en Wittgenstein*. Pamplona: Eunsa, 1984.

HACKER, P.M.S. *Sobre a eliminação da metafísica por meio da análise lógica da linguagem de Carnap*. Cadernos Wittgenstein, São Paulo, V.1, n1, p. 5-35, 2000.

JANIK, Allain S. TOULMIN, Stephen E. *A Viena de Wittgenstein*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MARCONDES, Danilo. *Filosofia Analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MEDINA, José. *Linguagem: conceitos chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEARS, David. *As idéias de Wittgenstein*. Trad. Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1973.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cadernos 1914-1916*. Trad. João Tiago Proença. Portugal: Edições 70, 1998.

_____. *Conferência sobre Ética*. Trad. Darlei Dall'Agnol. In: *Ética e Linguagem*. 3ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2005, p. 215-224.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2008.